



A CATEGORIA GRAMATICAL GÉNERO, NOS NOMES E ADJETIVOS DO PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES¹

Maria Antónia Mota²

RESUMO: A análise do comportamento de nomes e de adjetivos, em português, no que diz respeito à categoria gramatical Género, mostra que essa categoria é lexical, nos nomes, e flexional, nos adjetivos. Está, como tal, inscrita nas matrizes dos lexemas de cada uma dessas classes de palavras e revela as interfaces que se estabelecem entre morfologia, léxico e sintaxe. Apresentam-se propostas de representação de entradas lexicais e de paradigmas de lexemas exemplificativos da diferente natureza daquela categoria, nas duas classes de palavras consideradas, comentando-se as particularidades dos adjetivos biformes e uniformes e focando-se o caso particular de nomes que formam um ‘par’, como *pato* e *pata*. Associada a essas representações, foca-se a questão das relações que se estabelecem entre as categorias Padrão temático e Género e entre as categorias Género e Número, nos nomes e nos adjetivos, concluindo-se que a matriz de traços associada a cada lexema legitima as palavras flexionadas do seu paradigma como outputs adequados e que, simultaneamente, esses traços se inferem a partir das palavras morfossintáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Género. Nomes e Adjetivos. Interfaces. Relação entre Categorias.

RESUMÉ: L’analyse du comportement des noms et des adjectifs en portugais montre que la catégorie grammaticale Genre est de nature lexicale dans le premier cas et de nature flexionnelle dans le second cas. Sa nature est inscrite dans les entrées lexicales des lexèmes de chacune de ces classes de mots et révèle les interfaces qui peuvent s’établir entre morphologie, lexique et syntaxe. Nous présentons un certain nombre de propositions de représentation d’entrées lexicales et de paradigmes de lexèmes, afin d’exemplifier la nature distincte que cette catégorie peut assumer, selon qu’elle est nominale ou adjectivale. Pour ce qui est toujours du Genre, nous retraçons les spécificités associées aux adjectifs biformes et uniformes, ainsi qu’au cas particulier des noms qui forment une «paire» (par exemple, *pato* et *pata*). En articulation avec ces représentations-là, nous commentons la question des relations qui s’établissent entre les catégories Schéma thématique et Genre et entre les catégories Genre et Nombre dans les deux classes de mots en question. Nous en concluons que les traits présents dans la matrice de chaque lexème légitiment les mots

1 Este texto é devedor da investigação levada a cabo pela autora para o capítulo 55 da Gramática do português, da sua responsabilidade (vol. 3, com publicação prevista para 2016), e retoma parte do conteúdo desse capítulo.

2 Professora Doutora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. E-mail: mantonia.mota@sapo.pt
Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 150-164.

dans son paradigme comme des formes de sortie appropriées et que ces mêmes traits peuvent simultanément être dégagés à partir des mots morphosyntaxiques.

MOTS-CLÉS: Genre. Noms et Adjectifs. Interfaces. Relations entre les Catégories.

Introdução

A informação contida na matriz de traços associada a um lexema³ tem interessado muitos investigadores e sido objeto de diferentes propostas, nomeadamente no domínio dos estudos morfológicos.

Pode dizer-se generalizada a conceção de que a classe lexical (classe de palavras) e a significação do lexema estão especificadas na sua matriz (cf. FRADIN & KERLEROUX, 2003, por exemplo) e que esta contém todas as propriedades indispensáveis à caracterização inequívoca do lexema, e não mais que estas, em nome do princípio da economia. No entanto, o tipo e o número de traços associados às entradas lexicais e transmitidos aos paradigmas de palavras subsumidos pelos lexemas dependem, em grande parte, da perspectiva teórica adotada, já que uma matriz de traços é um constructo teórico. Parece contudo haver um forte consenso quanto ao facto de uma matriz típica incluir traços morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos. As formas que as palavras morfossintáticas vão adquirir, no paradigma desse lexema, deverão ser perfeitamente previsíveis, tendo em contas as propriedades do lexema; simultaneamente, deverão permitir inferir a forma do lexema.-

A forma como se concebe o léxico, como módulo da gramática com informação mais ou menos robusta e complexa, tem implicações na conceção de matriz de traços. O mesmo acontece em função da conceção de morfologia: por exemplo, como módulo totalmente independente, como estando fortemente associado ao módulo sintático (ou mesmo como não independente deste último) ou ainda como um módulo que, apesar de autónomo, estabelece relações de interface com vários outros módulos da gramática.

Adotando uma conceção de léxico, matéria-prima da morfologia, com informação robusta, com entradas lexicais ‘ricas’, embora respeitando o princípio da economia, e considerando que o papel da morfologia é mais adequadamente entendido se considerado como estabelecendo múltiplas interfaces, centramo-nos a seguir no Género. Esta categoria está inscrita na matriz lexical de nomes e adjetivos, juntamente com duas outras categorias morfológicas caracterizadoras destas classes de lexemas: Número e Padrão temático. Estas três categorias estabelecem relações entre si, mas aplicam-se de modo diferenciado a nomes e adjetivos, como tentaremos mostrar sinteticamente nas secções seguintes, que tomam sempre Género como a categoria aí privilegiada. Comentamos apenas nomes e adjetivos temáticos, deixando de lado, por economia de espaço, alguns aspetos que poderiam sobre eles ser tratados e outros ainda, relativos, por exemplo, a comportamentos diferenciados entre nomes simples e não simples e entre adjetivos com essas mesmas características. Remete-se para a *Gramática do português* (cf. nota 1), para mais informação.

3 Um lexema é um item lexical abstrato (cf. MATHEWS, 1991:26), uma palavra abstrata (cf. STUMP, 2005:50) com significação, forma morfológica e forma fonológica básicas, tendo associado outro conteúdo gramatical, na sua matriz de traços. Pertence a uma das classes lexicais abertas e caracteriza-se, em suma, como um «complexo de informação gramaticalmente relevante» (ZWICKY, 1990:218); no seu domínio, interagem, em relação de interface, diversos componentes da gramática. Ver também, Aronoff; Fudeman (2005:42), por exemplo.

A categoria Género, nos nomes do português

Tomando o lexema como unidade de análise, em articulação com as palavras morfossintáticas por ele subsumidas e a par das mesmas, interessa-nos agora ter em conta, em particular, a categoria linguística Género e as interfaces entre morfologia, léxico e sintaxe que se revelam, nesse domínio. Começaremos por nos referir aos nomes e, depois, passaremos aos adjetivos, comentando alguns contrastes que estas duas classes lexicais evidenciam.

Consideramos, na linha do defendido pela maioria dos investigadores que mais recentemente têm publicado sobre a categoria Género, que os lexemas nominais a que correspondem os chamados nomes comuns têm um valor de género inerente, invariável, totalmente especificado na subparte da sua matriz que respeita aos traços morfológicos (cf., por exemplo, CORBETT, 1991, 2007 ou LEHMANN & MORAVCSIK, 2000)⁴. Diferentemente, um lexema adjetival não tem inscrito na matriz que o caracteriza um valor de género; isto é, não possui um valor lexicalmente especificado, [+masc(ulino)] ou [-masc].

Propondo um conjunto de propriedades ou traços que se afigura adequado às matrizes dos nomes do português, e recorrendo a uma representação muito simplificada⁵, veja-se o seguinte exemplo, ilustrativo da matriz de um nome comum:

Classe lexical/de palavras: nome	
Traços semânticos: [+comum, -animado, +concreto, +contável, +instrumento]	
Padrão temático: classe temática -a	
Género: [-masc]	
Número: [+variável] ⁶	
Glosa: utensílio composto por uma lâmina estreita, achatada e afiada e por um cabo, servindo como instrumento para cortar alimentos sólidos.	
Hipónimo de TALHER. Merónimo de FAQUEIRO.	
Paradigma do lexema	<i>faca</i> <i>facas</i>

Quadro 1: Lexema: FACA (forma fonológica /'faka/).

A classe lexical é determinante para a determinação do tipo das restantes propriedades inscritas na matriz de traços. O exemplo acima não inclui propriedades sintáticas, por desejo de simplificação na representação. Mas o facto de se tratar de um nome permite inferir que *faca* e *facas* podem integrar expressões que funcionam como sujeito da predicação, como complemento direto, indireto, etc. Mas, como é conhecido, os seus traços semânticos vão limitar

4 Sobre o português, são vários os linguistas que poderiam ser citados como partilhando esta opinião ou tendo posicionamentos próximos deste, mas não o faremos, para não sobrecarregar o texto. Remete-se para Rosa (2000:124-131), que refere alguns deles.

5 No exemplo do quadro 1, restringe-se a glosa à significação de *faca* como utensílio de mesa.

6 Em última análise, este traço será dispensável. Sendo caracterizado como [+cont], o nome é decorrentemente [+variável], quanto a Número. Contudo, deixa-se esse traço na matriz para chamar a atenção para as categorias morfológicas que estão associadas a lexemas nominais e adjetivais.

certas possibilidades de construção; apenas a título de exemplo, veja-se a impossibilidade de *faca* e *facas* integrarem um sintagma sujeito de uma frase com um verbo de atitude afectiva (cf. RAPOSO, 2013: 375-380): **a faca odeia o cozinheiro*, em que o argumento *faca* precisaria de possuir o papel temático de Experienciador para a frase ser gramatical.

Relativamente às palavras subsumidas por um lexema: nas classes de palavras abertas, um paradigma canónico apresenta duas ou mais formas que se distinguem relativamente a um ou mais valores, marcados sempre por flexão (cf. MATHEWS, 1991:187, ARONOFF, 1994:11, BOOIJ, 2005:122, por exemplo). Essas formas flexionadas relevam da morfologia. No que diz respeito aos paradigmas nominais do português, as suas células são duas e as duas palavras que as preenchem diferenciam-se apenas quanto à categoria morfológica Número. A flexão em número codifica a oposição dos valores [+sing] ~ [-sing] através dos marcadores -Ø ~ -s, estando as duas formas de palavra disponíveis para serem ativadas pelo falante, explorando a interface da morfologia com a sintaxe. A matriz de traços associada a cada lexema nominal permite, assim, que as palavras nominais flexionadas do seu paradigma constituam *outputs* adequados às especificações exigidas (veja-se, por exemplo, *perdeu-se {uma faca, uma das facas, grande parte das facas, um conjunto de facas} do faqueiro da avó*).

Um lexema nominal, como ilustrado no quadro 1, não apresenta contudo flexão associada a Género: no paradigma do lexema, *faca* e *facas* possuem ambas o valor [-masc]. Género não é, assim, uma categoria flexional, nos nomes; não distingue entre si células de um paradigma nominal, é uma categoria linguística lexical, como acima afirmado. Não é relevante para a sintaxe, como adiante se volta a comentar.

Um lexema, como é sabido, consiste numa forma não flexionada (a flexão é do domínio do paradigma do lexema, não do lexema em si) que possa representar de forma inequívoca as palavras do seu paradigma. Assim, a prática corrente é a de lhe atribuir uma forma básica e o menos marcada possível, que não obste ao estabelecimento de uma relação formal transparente (para além da necessária relação semântica) entre lexema e palavras morfossintáticas. Se um lexema é uma palavra, embora abstrata, que representa e subsume palavras morfossintáticas bem formadas, a sua forma deve poder relacionar-se adequada e facilmente com essas palavras. Desse modo, ao lexema nominal é geralmente atribuída uma forma que corresponde à forma de palavra singular. Apesar de um singular ser uma forma flexionada, o facto de o seu marcador de número ser Ø faz dela o melhor candidato para que, a partir da mesma, se infira a forma do lexema. Se lidarmos com nomes temáticos, o lexema terá, então, uma forma idêntica ao tema, já que o mesmo acontece com a palavra singular; por exemplo: palavra [+sing] *abelha* – tema ABELHA e lexema ABELHA. No caso dos nomes atemáticos, a forma do lexema será idêntica à forma do radical, pela mesma ordem de ideias; por exemplo: palavra [+sing] *rapé* – radical RAPE e lexema RAPE.

Considere-se ainda a generalização segundo a qual dois paradigmas distintos entre si não correspondem ao mesmo lexema; dito de outro modo, dois lexemas são independentes se os paradigmas que lhes correspondem também o são (cf. BAUER *et al.* 2013: 9). Isto é, se duas formas de palavra se distinguem quanto a uma outra categoria que não seja o Número, estamos perante mais do que um paradigma nominal e, logo, face a mais do que um lexema. As palavras, no paradigma, não podem, assim, distinguir-se quanto ao marcador de classe temática: este não tem natureza flexional. Por consequência, *porta*, *portas* correspondem ao lexema PORTA e

porto, *portos*, ao lexema PORTO; *lema*, *lemas* correspondem ao lexema LEMA e *leme*, *lemes*, ao lexema LEME. Anderson (1985), por exemplo e entre muitos outros, define a flexão como sendo a morfologia relevante para a sintaxe, realizando as categorias morfossintáticas das palavras; ora, para a sintaxe, o padrão temático e o expoente que identifica as classes formais é irrelevante. O mesmo autor afirma que «Morphosyntactic properties which are neither agreement properties nor governed properties are said to be inherent» (*idem*: 172). Daí decorre que Padrão temático é inerente ao nome, assim como Género. E ainda que, mesmo se semântica e formalmente muito próximas, também palavras como *pato*, *patos* e *pata*, *patas* pertencem, duas a duas, a dois lexemas independentes, como se argumenta de forma um pouco mais desenvolvida na secção seguinte.

Nomes de radical formalmente idêntico, padrão temático e valor de género distintos

Na secção anterior, fez-se notar que, nos nomes, o padrão temático não é uma categoria flexional, não marca uma categoria morfossintática; mais concretamente, o marcador de classe formal temática (o índice temático) não é uma subcategoria flexional. Consideramos, assim, que em palavras com o traço [+anim(ado)] como *pato* e *pata*, cada um dos nomes se inscreve numa classe formal temática distinta (em *-o*, em *pato*, e em *-a*, em *pata*). Embora estes nomes denotem entidades aparentadas, estas são também distinguíveis com base na propriedade ‘sexo’ e nas características a elas associadas, por vezes múltiplas e grandemente diferenciadoras, dependendo das espécies. Propriedade na origem biológica, “sexo” ou “diferenciação sexual” adquire impacto linguístico, distinguindo lexemas entre si: a glosa de *pata* e a de *pato* deverá forçosamente incluir “fêmea/de sexo feminino” e “macho/de sexo masculino”, respetivamente. O nosso conhecimento do mundo conduz a que relacionemos fêmeas e machos da mesma espécie zoológica e que demos relevância a esse facto. Essa relevância conduz, por seu lado, a que associemos a determinado índice temático a representação gramatical de dado sexo e à oposição entre índices temáticos a distinção sexual das entidades. Essa relação está contudo longe de ser sistemática, como provam os muitos nomes do português que denotam entidades sexuadas com morfologia que não redundam na oposição *-o* ~ *-a* ou mesmo *-Ø/e* ~ *-a* (cf. *senhor*Ø ~ *senhora* e plural *senhores* ~ *senhoras*; cf. cap. 55, referido na nota 1), incluindo a não oposição, como se verá adiante.

Independentemente dessa associação e do grau de efeito gramatical que tenha, se o género gramatical nominal é inerente ao lexema e às palavras por ele subsumidas (pressuposto de base que uma análise coerente não deverá conduzir a que seja violado), não se pode considerar que é simultaneamente uma categoria flexional⁷. Mas tal não é contraditório com o facto de, num conjunto limitado de nomes [+anim]⁸, a morfologia recorrer à possibilidade de acumulação de funções num mesmo constituinte formal, como se verá adiante.

7 Villalva (2000), como muitos outros, defende que o género é uma categoria morfossintática, mas distinta das restantes, não flexional. Tendo em conta que, no nome, o valor [+masc] ou [-masc] não é exigido pela sintaxe, não responde a condicionamentos de concordância, não varia, consideramos que constitui a categoria mais fortemente lexical, das três categorias nominais. Género pode ser encarado como categoria morfossintática, noutras classes lexicais que entram em relação de concordância em género com o núcleo nominal (o valor de género do nome desencadeia, controla ou governa o valor nos restantes constituintes, alvos da concordância; cf. CORBETT, 2006).

8 Na verdade, os nomes simples do tipo *pato* e *pata* são relativamente pouco numerosos, em português. Curiosamente, a tradição gramatical não fornece nenhuma denominação especial para eles, diferentemente do que acontece para “sobrecomens” e “epicenos” (esta distinção baseia-se no traço semântico [humano]). Nas obras didáticas, são aqueles os nomes que aparecem à cabeça, nas secções dedicadas a Género. Serão assim considerados os nomes com comportamento mais ‘perfeito’ ou ‘regular’, decerto por denotarem com precisão o sexo biológico das entidades. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 150-164.

Os argumentos que acabam de se avançar levam a que se considere que nomes como *pato* e *pata* não partilham um radical comum, único, o qual se expandiria em dois temas flexionais, a serem selecionados em função de requisitos da sintaxe: a flexão é motivada em sintaxe e, repita-se, Género não é uma categoria flexional, nos nomes. Assim, *pato* e *pata* correspondem aos lexemas PATO e PATA, respetivamente, e os traços em discussão serão assim marcados, na sua matriz (indicados a par):

PATO Padrão temático: classe temática <i>-o</i> Género: [+masc] Número: [+variável] Glosa: ave palmípede ... macho.		PATA Padrão temático: classe temática <i>-a</i> Género: [-masc] Número: [+variável] Glosa: ave palmípede ... fêmea.	
Paradigma do lexema		Paradigma do lexema	
<i>pato</i> <i>patos</i>		<i>pata</i> <i>patas</i>	

Quadro 2: Lexemas: PATO E PATA.

Nas glosas do quadro 2, para além da presença de “macho” e “fêmea”, “...” indica que a glosa pode incluir particularidades distintivas das entidades, para além do sexo, eventualmente com ele relacionadas (cor, tamanho, ou até características do aparelho reprodutor: por exemplo, o cavalo-marinho-fêmea não possui útero e o cavalo-marinho-macho tem uma bolsa incubadora).

A inerência do valor de género, inscrito na matriz nominal, deve ser compatível com a glosa: descrevendo características que tipificam a entidade denotada, a glosa está associada e em articulação com os traços morfológicos do nome. Assim, por exemplo, um lexema como CAVALO-MARINHO é [+masc], sendo preciso acrescentar “fêmea/macho” para distinguir os indivíduos de sexo diferente, se tal se quiser fazer; a especificação do sexo precisa de recorrer a um processo de composição, sem alteração do valor do género gramatical. O composto é do tipo N-Adj, quando o nome é “epiceno” (*cavalo-marinho-fêmea*, *cavalo-marinho-macho*, ambos [+masc]) ou, quando o nome é “sobrecômum”, do tipo N-N (*polícia mulher*, *polícia homem*, ambos [+masc]) ou do tipo N-prep-N (*criança de sexo masculino*, *criança de sexo feminino*, ambos [-masc]); cf. VILLALVA, 2016). O mesmo acontece com *gorila*, *elefante* ou com *cabecilha*, *mascote*, por exemplo e respetivamente, para nos limitarmos aos nomes temáticos, como anunciado.

Se se considerarem, justamente, lexemas com o traço [+anim] como CAVALO-MARINHO e BALEIA ou como CRIANÇA e CARRASCO, remetendo para entidades sexuadas, fica claro que o género gramatical é fixo, inerente, idiossincrático, independente da classe temática e não sensível ao sexo dos referentes. Na generalidade dos nomes, a informação de sexo é irrelevante para a morfologia e a associação de dado valor de género a determinado índice temático não constitui uma generalização possível. A diferença que estes apresentam relativamente a ATLETA ou MODELO, com o mesmo traço [+anim] e com referentes sexuados, geralmente denominados “comuns de dois”, consiste em que, nos primeiros, o género gramatical é fixo, como esperável, e precisamos de fazer intervir um processo de composição para formar um novo nome que explicita o sexo das entidades. Nestes últimos, a morfologia da composição não se aplica, sendo em geral afirmado que o valor de género do nome é explicitado pelos constituintes sintáticos na sua esfera e que com

ele estabelecem concordância (cf. o atleta (olímpico), a atleta (olímpica), por exemplo). Aqui, com base no referido pressuposto de base da inerência lexical do valor de género, propomos analisar este tipo de nomes como correspondendo a dois lexemas, próximos de homónimos (quase-homónimos, se quisermos), cada um com o seu valor de género, abertamente explicitado pelos constituintes sintáticos de concordância. Fazêmo-lo diferentemente de alguma tradição de análise do português e ainda, por exemplo, de Villava (s/d: 7), que considera que «admitem os dois valores de género», ou de Spencer (2002), que se refere a casos idênticos de outras línguas como caracterizados por possuírem género masculino e feminino ‘em comum’. Assim, na nossa perspectiva, ter-se-á, por exemplo, ATLETA₁_[+masc] e ATLETA₂_[-masc] existindo duas entradas lexicais, com duas matrizes independentes entre si pelo valor de género inscrito na matriz (e pela glosa, já que cada um destes lexemas remete para uma entidade sexualmente distinta). Nestes casos, a existência de dois lexemas permite que haja um paralelismo entre género gramatical diferente e sexo biológico distinto: em sintaxe, um ou outro nome é ativado, conforme a referência exigida⁹.

Considerando a generalidade dos nomes, em função dos traços do referente assim se seleciona, para ser integrado numa frase sob uma das formas de palavra possíveis, um determinado lexema: o lexema PATO ou o lexema PATA, o lexema ATLETA₁ ou ATLETA₂, o lexema CAVALO-MARINHO ou CRIANÇA, eventualmente sujeitos a um processo de composição, assim com acontece com a seleção de BOI ou VACA, HOMEM ou MULHER, RAPAZ OU RAPARIGA (se jovens homens e mulheres), CARNEIRO OU OVELHA, etc. Em suma, não há razões aparentes para utilizar diferentes critérios de análise quanto a Género: flexional, no caso de PATO e PATA, apenas porque apresentam um radical formalmente idêntico¹⁰, e lexical, nos restantes casos, porque se trata de itens sem parentesco formal. Neste conjunto de nomes, todos remetem para entidades [+anim], [+sexuadas]; se, nos nomes que formam ‘pares’ de tema -o e -a, os índices temáticos acabam por ser associados pelos falantes a um contraste de valor de género, tal poderá dever-se à similitude semântica que caracteriza as entidades denotadas e à relevância que, em português, se pode atribuir a esse tipo de informação. Mas trata-se de um caso particular, em que os índices temáticos são constituintes *portmanteau*. Isto é, sufixos acumulando informação gramatical, a qual, noutras circunstâncias, seria assegurada por dois marcadores adjacentes independentes (STUMP, 2001:139); no caso, a informação de classe temática e a de género.

9 Alguns dos nomes “comuns de dois” têm origem na recategorização de adjetivos, como requerente, ou em terceiras pessoas verbais que sofreram a conversão em nomes, como engonha ou sorna (equivalentes aproximados de preguiçoso/a). O valor de género gramatical, nos nomes, pode ser motivado morfológicamente, em derivados (por vezes com intervenção do traço de animacidade), nos nomes resultantes de conversão, e ainda em função do núcleo semântico, em nomes compostos. Não se desenvolvem aqui estas questões (cf. cap. 55, de MOTA, 2016 – no prelo - cf. nota 1, e cap. 58, de VILLALVA, 2016 – no prelo), mas faz-se apenas notar que esse facto não altera em nada a posição aqui defendida: uma vez construído um lexema, o seu valor de género fica fixado no léxico. Veja-se o exemplo das seguintes palavras singulares, correspondentes ao respetivo lexema: em vespeiro, -eiro é um sufixo que desencadeia género masculino, apenas (os sufixos determinam frequentemente o género dos nomes, como sabido); em engonha e afia, o produto de conversão alinha com o tipo atleta 1 e atleta 2, se denotar uma entidade [+anim] (um(a) engonha), e é masculino por defeito, se a entidade é [-anim] (o afia); em sofá-cama, o primeiro nome constitui o núcleo do composto e determina o seu valor de género. Caso o sufixo seja compatível com dois temas, como em ceifeiro, ceifeira, estamos perante um sufixo diferente de -eiro+MASC. Neste caso, o sufixo é -eir- não determina um padrão temático nem um valor de género, no nome. Com ele, podem formar-se dois lexemas, com as respectivas palavras de tema em -o e em -a (ceifeiro(s) e ceifeira(s)), situação que alinha com a de pato e pata e palavras pato(s) e pata(s).

10 Esta designação deve entender-se como existindo nesse radical, a par da forma morfológica idêntica, informação semântica básica idêntica.

Pelas evidências apresentadas e sintetizando: Género, nos nomes, não é uma categoria flexional, independentemente de haver nomes com radical formalmente idêntico e índices temáticos distintos (que poderiam conduzir a considerar-se revelarem flexão em género) e de haver, por outro lado, nomes quase-homónimos, associados a valores de género diferentes (que poderiam levar a interpretá-los como um mesmo nome, com género não inerente, ou totalmente subespecificado, ou duplo, o que a designação “comum” implica). A hipótese, relativamente ao primeiro caso, de existir um lexema único (PATO, forma menos marcada, das possíveis) com flexão em género carece de sustentação, dado que vai contra a análise, aceite na literatura recente e que aqui assumimos, que atribui natureza lexical ao índice temático, e não flexional. Como notado, o índice temático tem a capacidade de acumular à categoria Padrão temático – que veicula sempre e que lhe é própria – a categoria Género. Assumir essa dupla função não implica de todo nem que o índice temático nem que o valor de género passem a ser flexionais, através de uma oposição *-o ~ -a* codificada a nível do paradigma do lexema, num esquema do tipo $PATO_{LEXEMA}$ e $pato(s), pata(s)_{PALAVRAS MORFOSSINTÁTICAS NO PARADIGMA}$, com variação não só de valor de número como de género. Este posicionamento exclui também a existência de um radical que receba sufixos de flexão em género. Isto é, exclui algo como $PAT_{RADICAL}$ e $\{PATO/pato, PATA/pata\}_{FLEXÃO EM GÉNERO}$, seja a nível do tema ou das palavras morfossintáticas no paradigma.

Resta pôr-se a hipótese de, de forma paralela a alguns verbos, *pato* e *pata* poderem ser representados por um lexema com duas bases supletivas, temáticas, de modo comparável com o que acontece com *trazer*, por exemplo. Este verbo possui três bases radicais supletivas que definem em conjunto o lexema: por exemplo, TRA- é marcado para futuro e condicional e TRAZ-, para presente e imperfeito¹¹. Mas acontece que a informação veiculada por cada uma dessas formas está associada a um tipo de informação não lexical mas semântica e sintática, relacionada com a localização temporal das situações descritas pelo verbo, associada a aspeto e modo, no domínio da frase. Qualquer que seja a base considerada, das três possíveis, o lexema verbal mantém a sua descrição intacta, no léxico. Mas tal não aconteceria com os ‘pares’ nominais em discussão: ambas as bases seriam marcadas para a categoria lexical Género, cada uma com o seu valor e remetendo para entidades diversas. A diferente classe de palavras não permite, portanto, essa eventual identidade ou esse paralelismo de comportamentos: o nome refere entidades e o verbo é um elemento que descreve o tipo de situação expresso na oração. Parecendo poder pôr-se em paralelo [+masc] e [-masc] com [+futuro, condicional] e [+presente, imperfeito], tal não é possível. Spencer (2002) refere que, em latim, existem «pares de género» em que a classe flexional (casual) varia em função da diferenciação sexual das entidades denotadas (cf. *amicus*, 2ª declinação, na qual se inscrevem apenas nomes masculinos, e *amica*, da 1ª declinação, que inclui sobretudo nomes femininos). Mas comenta que só se esta alteração de declinação se estendesse à totalidade dos nomes que denotam entidades diferenciadas pelo sexo e apenas nesse caso é que seria admissível considerar que a categoria Género é flexional, e que tal não é o caso.

Como se verá na secção 2, diferentemente dos nomes, os adjetivos, que expressam propriedades caracterizadoras das entidades, não possuem um valor de género lexicalmente determinado; neles, Género é uma categoria de concordância.

11 A este propósito, ver Stump (2001: 208-211) e a proposta de bases portmanteau («portmanteau stems»). *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 150-164.

A categoria Gênero nos adjetivos do português

Observe-se agora uma proposta simplificada, incluindo apenas as informações que aqui mais nos interessam, de entrada lexical de dois adjetivos temáticos, em português, comumente caracterizados como ‘uniformes’ e ‘biformes’, respetivamente (cf. MOTA, cap. 55, cf. nota 1):

Classe lexical/de palavras: adjetivo
 Tipo semântico: qualificador
 Padrão temático: [-variável]¹² ou [uniforme] | Classe temática: -e
 Gênero: [+variável]
 Número: [+variável]
 Glosa: característica aplicável a uma entidade humana, pressupondo a existência do atributo RUDEZA, sendo que RUDEZA (ser humano) = *rude*¹³
 Relações de sinonímia (*synset*): descortês, bruto, grosseiro, tosco, ...

Paradigma do lexema *rude*
rudes

Quadro 3a: Lexema: RUDE (forma fonológica /rude/)

Classe lexical/de palavras: adjetivo
 Tipo semântico: qualificador
 Padrão temático: [+variável] ou [biforme] | Classe temática: -o/-a
 Gênero: [+variável]
 Número: [+variável]
 Glosa: característica aplicável a uma entidade humana, pressupondo a existência do atributo BRUTEZA, sendo que BRUTEZA (ser humano) = *bruto*¹⁴
 Relações de sinonímia (*synset*): descortês, grosseiro, rude, tosco, ...

Quadro 3b: Lexema: BRUT (forma fonológica /brut/) - Paradigma do lexema (ver (4), adiante).

Uma primeira constatação diz respeito ao facto de o lexema em (3a) ter a forma RUDE¹², temática, e de, associado a (3b), estar proposta a forma BRUT, apesar de as palavras do seu paradigma serem temáticas: *bruto(s)*, *bruta(s)*.

Nas entradas de (3), está marcado [+variável] quanto às categorias Gênero e Número: a classe de palavras implica essa caracterização, mas pretendemos deixá-las visíveis para melhor contraste com os nomes. Quanto a Padrão temático, em (3b) está inscrito [+variável] ou [biforme], e está também especificada a dupla classe temática. Estes traços dão conta, à partida, de uma diferença fundamental relativamente à grande maioria dos nomes e levanta a hipótese de estes adjetivos se aproximarem de algum modo dos nomes que formam um ‘par’, do tipo *pato*, *pata* (cf. acima). Mas têm sobretudo interesse pelas suas implicações numa análise coerente da morfologia do português e das interfaces que este módulo da gramática entretetece com outros módulos.

Assim, mantém-se que o índice temático não é uma subcategoria flexional e, logo, o tema não é flexional, como acima referido a propósito dos nomes, e por isso não há concordância entre

¹² Por economia de espaço, não desenvolveremos o comentário aos adjetivos uniformes, apenas avançaremos algumas notas.

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 150-164.

índices temáticos (cf. *serpente*_[TEMA -e, -MASC] *fugidia*_[TEMA -a, -MASC] e *temível*_[ATEMÁTICO, -MASC]). O que acontece é que esses constituintes, por acumularem a informação que releva da categoria Género (são constituintes *portmanteau*) e de, pelo facto de essa categoria ser flexional nos adjetivos, estes são os únicos constituintes capacitados para entrarem, de forma indirecta, no domínio da flexão. A acumulação de informação, no índice temático, não lhe retira as suas propriedades de base, não flexionais. Mas, como já notado, o português não dispõe de morfologia independente e especializada para marcar Género (um paradigma não apresenta expoentes de Género independentes). Desse modo, o índice temático é ‘arrastado’ para a codificação do valor de género, como único componente morfológico disponível, passando a dispor de um duplo estatuto (cf. SANDMANN, 1991, por exemplo), a constituir uma «exponência cumulativa» (cf. MATHEWS, 1991). Género é, nesta classe de palavras, uma categoria claramente morfossintática, e os valores que adquire são marcados através de flexão.

Por outro lado, se, como defendido na análise de *pato* e *pata*, o radical não é comum, expandido-se em dois temas, em *bruto* e *bruta* é este o caso. Assim: o radical morfológico BRUT- permite que dois temas sejam formados, BRUTO e BRUTA, os quais, em conjunto, identificam o lexema; o primeiro associa-se directamente às palavras flexionadas *bruto* e *brutos* e o segundo, a *bruta* e *brutas*.

Aronoff (1994: 49) defende que, nos verbos latinos cujo lexema admite dois ou mais temas, o lexema é identificado pelo conjunto dos Tema1, Tema2, Tema n, que se distribuem pelos diferentes paradigmas. Estes são todos subsumidos pelo lexema verbal, independentemente da forma do tema que é activada em cada paradigma. Concordantemente, defende que «as vogais temáticas estão directamente associadas a temas e não a lexemas». Na nossa análise do lexema adjetival, estabelecemos um paralelo com o descrito acima, defendendo que um adjetivo com formas diferenciadas no seu paradigma (como *bruto*, *bruta*, ...) constitui um único lexema. Este é, assim, identificado por radical + temas a ele associados, em conjunto.

Se fossem adotados os critérios utilizados para os nomes, diríamos que estão em causa dois lexemas adjetivais, BRUTO e BRUTA, com um radical formalmente idêntico. Contudo, os adjetivos contrastam com os nomes no que diz respeito a algumas características identificadoras das respectivas classes lexicais. Em particular, e como já notado, os adjetivos não referem entidades, mas modificam expressões que têm um nome como elemento nuclear; visto esse nome possuir um valor de género inerente, independentemente do seu padrão temático, o adjetivo deve partilhar com ele esse valor. Se o falante estiver perante duas formas possíveis, seleciona aquela que, no adjetivo biforme, garante essa partilha, essa concordância. O adjetivo é especificado como [biforme] justamente porque sobre um mesmo radical se constroem os dois temas, diferentemente do descrito para os nomes. Mas, não sendo o tema selecionado enquanto constituinte morfológico, mas sim como portador de informação de género, conclui-se que as vogais que ocorrem à direita do radical – os índices temáticos – codificam em simultâneo a classe temática e o valor de género, possuem um duplo estatuto de índice temático e de marcador de género (cf. SANDMANN, 1991, por exemplo) e asseguram que a oposição de valores é morfológicamente visível. Correspondem, assim, a constituintes *portmanteau* (cf. «exponência cumulativa», em MATHEWS, 1991). Em sintaxe, uma das formas do paradigma do adjetivo é ativada, para responder às exigências de concordância (Adj) N (Adj), em género, podendo estabelecer-se a generalização segundo a qual os membros do paradigma que apresentam –o têm valor de género [+masc] e aqueles que apresentam –a têm valor [-masc] (cf. VILLALVA, 2000: 234). Para responder à concordância em número, o

paradigma oferece duas formas de valor diferenciado, associadas a cada género, sendo que um paradigma adjetival é mais complexo do que um nominal.

Em (4), propõem-se duas representações alternativas que visam a sublinhar o cruzamento das categorias de flexão, Género e Número:

lexema BRUT				
temas BRUTO, BRUTA				
Paradigma				
Género			Número	
expoente -o	[+masc]	<i>bruto</i>	<i>bruto</i> <i>brutos</i>	[+sing] expoente -∅ [-sing] expoente -s
expoente -a	[-masc]	<i>bruta</i>	<i>bruta</i> <i>brutas</i>	[+sing] expoente -∅ [-sing] expoente -s

Quadro 4a: Lexema BRUT.

lexema BRUT				
temas BRUTO, BRUTA				
Paradigma				
		BRUTO	BRUTA	
Género			Número	
expoente -o	[+masc]	<i>bruto</i>		[+sing] expoente -∅
		<i>brutos</i>		[-sing] expoente -s
expoente -a	[-masc]		<i>bruta</i>	[+sing] expoente -∅
			<i>brutas</i>	[-sing] expoente -s

Quadro 4b: Lexema BRUT.

No quadro 4a, identificam-se, por um lado, as formas de masculino e de feminino, que formam um paradigma de género (cf. BOOIJ, 2005; STUMP, 1998:25), e, por outro lado, as formas de valor singular e plural, masculinas e femininas.

No quadro 4b, a representação do paradigma permite dar conta do facto de que, para a caracterização do lexema, são necessários os dois temas e que ao índice temático corresponde um sufixo de flexão. Em ambos os esquemas, tenta mostrar-se que cada série flexiona em género e em número, de forma articulada e paralela. No quadro 4b, a representação aponta para a existência de dois paradigmas, cada um associado a um tema. Assim, e apesar das particularidades que temos vindo a referir, é possível, nesta segunda representação, manter uma aproximação a um

paradigma canônico flexional do português, em que apenas uma das categorias varia, flexiona. Veja-se que, com efeito, nos nomes, é apenas Número que está em jogo, como categoria flexional, e que, nos verbos, internamente a cada paradigma, apenas varia a marcação de pessoa-número (por exemplo, *atei*, *ataste*, *atou*, *atámos*, ... ou *atavaØ*, *atavas*, *atavaØ*, *atávamos*, ...).

De qualquer modo, defende-se que é no domínio das palavras morfossintáticas (no domínio do paradigma do lexema) que se especifica o tema/valor de género. Por essa razão, se propõe que o lexema, que deve representar todas as formas de palavra a ele associadas, não tenha uma forma temática mas sim radical. A sua matriz de traços completa as informações necessárias para que as formas de *output* do seu paradigma sejam as adequadas ao lexema em causa. Assim, por exemplo em *essa(s) personagem(ns) bruta(s)*, *esse(s) transeunte(s) bruto(s)*, verificam-se as quatro possibilidades de variação em género e número do adjetivo e as de concordância quanto a essas categorias¹³.

Sendo a relação de concordância do domínio da sintaxe, as categorias linguísticas nela implicadas são, decorrentemente, sensíveis aos requisitos sintáticos; categorias morfológicas com esta particularidade são sempre flexionais.

O acima descrito conduz a que se conclua que, nos adjetivos, os índices temáticos são concomitantemente vogais de flexão. Neles, o valor de género é uma propriedade das palavras dos paradigmas, é um atributo seu (cf. STUMP, 1998:25), não do lexema. Atribuir a classificação de [biforme] a um lexema adjetival corresponde a assumir que ele codifica os dois valores de género de forma explícita e morfológicamente marcada no nível das palavras do paradigma do lexema; a classificação de [uniforme] corresponde a assumir que este não possui morfologia para explicitar os dois valores de género que codifica, no mesmo domínio paradigmático. O valor fixa-se por concordância com o valor do nome que modificam, na frase, é herdado do nome, assim como acontece com o valor de número. Género e Número podem ser consideradas categorias secundárias, nos adjetivos, se comparadas com as dos nomes: nestes, o valor de género é inerente e o valor de número tem relação direta com as suas propriedades inerentes (ser [+cont], *pluralia tantum*, etc.) e com a sua capacidade de referir uma ou mais entidades com a mesma descrição.

Logo, um lexema adjetival, a ser representado por uma das formas que subsume (por BRUTO, por exemplo, por o masculino e o singular serem em geral consideradas as formas menos marcadas), implicaria que ao lexema correspondesse uma forma flexionada, o que contradiz todas as definições de lexema atualmente avançadas. Mas se, como feito no quadro 2, da matriz de traços do lexema BRUT constar “Padrão temático: [+variável] ou [biforme] | Classe temática: -o/-a”, tal não é necessário.

Reconhece-se, assim, ao radical adjetival um papel central, identificando semântica e formalmente o lexema juntamente com os dois temas em que se expande, por ter a propriedade de acolher dois índices temáticos. Assim, nesta classe de palavras, a morfologia tem um papel preponderante na codificação dos valores de género e de número e evidencia claramente a interface que esta pode estabelecer com o léxico e a sintaxe.

13 Num adjetivo [uniforme], como rude, a morfologia não permite que seja visível a concordância em género, visto que, como todos aqueles de tema -e (e como todos os atemáticos), rude tem apenas uma forma de tema, rude, de modo paralelo à maioria dos nomes (cf. {essa(s) pessoa(s), esse(s) transeunte(s)} rude(s)). No caso destes adjetivos em -e, há sincretismo de formas [+masc] (rude) e [-masc] (rude). Nos adjetivos atemáticos como simples, existe sincretismo total entre as células: simples é a única forma de palavra, nas quatro células do paradigma: [+masc,+sing], [+masc,-sing], [-masc,+sing], [-masc,-sing].

Comentários finais e síntese

O facto de os nomes denotarem entidades distintas quanto a sexo biológico não é critério suficiente nem generalizável para que a morfologia ofereça marcas específicas e independentes para o efeito, como se fez notar através dos exemplos apresentados. Mas, como noutras línguas, o português possui constituintes *portmanteau* que permitem gramaticalizar a informação de sexo biológico através de um estratagema: acumular, no índice temático, a informação de género gramatical, presente na matriz de traços do lexema, e que espelha a referida informação biológica através da oposição *-o ~ -a*, aqui tomada como exemplo mais relevante nos nomes simples.

Nas secções anteriores, defendeu-se que Género, nos nomes, é uma «propriedade classificatória inerente» ao lexema (cf. SPENCER, 2002) e, consequentemente, associada a um valor fixo, invariável, não sujeito a flexão. Esta perspetiva não é nova e foi adotada em muitos trabalhos sobre o português. É, também, a perspetiva que encontramos em obras teóricas recentes, que tomam dados de diferentes línguas como evidências empíricas deste posicionamento e que mostram ainda que classe temática e valor de género, nos nomes, não se implicam mutuamente (cf., por exemplo, RALLI, 2002, retomando trabalhos anteriores da mesma autora, ou CORBETT, 1991). Villalva (2000, 2003) estabelece uma relação entre classe formal dos nomes e valor de género, sem que faça uma associação de dependência entre elas; Alcântara (2005) utiliza a categoria Género na sua classificação dos nomes (português do Brasil) em classes temáticas; Mota (2016) vai no sentido de que se aplica ao português o princípio da independência entre classe temática e valor de género, comentando os nomes simples, que ilustram tipicamente essa independência, separadamente dos derivados e de outros tipos de formação.

Em alguns dos nomes derivados, a presença do sufixo promove a formação de dois lexemas temáticos nominais (por exemplo, *CEIFEIRO* e *CEIFEIRA*) sobre o mesmo radical. No entanto, defende tratar-se de dois nomes independentes, cada um com o seu valor de género, e não de um nome que flexiona em género. O argumento forte e generalizável para assim os considerar é o já referido para os nomes simples e todos os outros: Género é lexical, não flexional. Propõe-se, assim, que aos nomes que formam ‘pares’ baseados numa relação biológica evidente, assegurada pela sua glosa, se aplique o referido pressuposto com força de generalização. Diferentemente de traços sensíveis ao contexto, Género será mais bem caracterizado como «a lexical feature, in the sense that it characterizes [nominal] lexical items, i.e., words of a nominal nature, independently of whether they are derived, non-derived, inflected or non-inflected, and for nouns, independently of any structural dependencies» (RALLI, 2002: 522). Concordamos ainda com o seguinte: «inherent features may participate in agreement but are not assigned/determined by it. They rather constitute the determining factor for triggering agreement» (RALLI, 2002: 521).

A esmagadora maioria dos nomes do português não formam um ‘par’ com outro; mas mesmo essa relação não invalida que o valor de género seja inerente a cada membro de um ‘par’. Nomes que denotam entidades não sexuadas e têm valor de género gramatical distinto de língua para língua argumentam a favor da não motivação externa desse valor. Diacronicamente, é sabido que alguns nomes sofreram alteração no valor em causa; por exemplo, *mar* já teve género feminino, de que resta um vestígio em *preia-mar* e *baixa-mar*.

Não existe, contudo, total consenso na comunidade quanto à análise da categoria Género, havendo hoje quem considere que esta é flexional. Para dar um simples exemplo, muito posterior

a outras publicações que adotam a concepção aqui defendida, veja-se Ambadiang (1999), sobre o espanhol, que, neste domínio, não cremos se distinga do português.

Quanto aos adjetivos, tentou mostrar-se que são sensíveis a Género mas de forma particular e distinta dos nomes; neles, trata-se de uma categoria flexional, determinada pela concordância exigida pela sintaxe. Género é sem dúvida uma categoria morfossintática, sensível ao contexto (cf. citações de RALLI, acima). A relevância de Género para a concordância no sintagma nominal é de grau diverso, de acordo com as classes de palavras em causa, e tem naturalmente impacto no modo como se concebe um paradigma de um lexema nominal (cf. Quadros 1 e 2) e de um lexema adjetival, tendo-se apresentado duas hipóteses de representação do paradigma de um adjetivo biforme, no Quadro 4, e comentado rapidamente o caso de um uniforme, na nota 15.

A complexidade, particularmente visível em alguns casos, das relações que se estabelecem entre Padrão temático e Género mostra que estas categorias têm papéis claramente diversos entre si. Quer o género seja lexical, como nos nomes, quer flexional, como nos adjetivos, mantém-se a diferença entre essas duas categorias. Como se fez notar relativamente à análise dos nomes, considerá-las em conjunto não é descritivamente rentável (não há sistematicidade entre índice temático e valor de género). Mas, no caso dos adjetivos, é necessário lidar com ambas as categorias em diálogo, a fim de dar conta dos padrões de flexão em género.

Através das reflexões apresentadas e das propostas avançadas, esperamos ter posto à consideração do leitor argumentos convincentes quanto a os nomes e os adjetivos apresentarem comportamentos distintos relativamente a Género. Esperamos também ter contribuído para que, em obras de carácter pedagógico, destinadas a alunos de português língua materna, segunda ou estrangeira, possa ser revisto o alinhamento de Número e Género como sendo ambas categorias de flexão, no nome.

Referências:

- ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. *As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída*. Tese de Doutoramento. 2003. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- AMBADIANG, Théophile. La flexión nominal. Género y número. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española/Espasa Calpe, 1999: 4843-4908.
- ANDERSON, Stephen R. Inflectional Morphology. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Fieldwork*, Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985: 150-201.
- ARONOFF, Mark. *Morphology by itself*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
- ARONOFF, Mark & Kirsten Fudeman. *What is Morphology?* Oxford: Blackwell, 2005.
- BOOIJ, Geert. *The grammar of words*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CORBETT, Greville G. *Gender*. Cambridge: CUP, 1991.
- _____. *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- _____. Gender and noun classes. In: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description III: Grammatical categories and the lexicon*. 2nd edition. Cambridge:

Cambridge/University Press, 2007. p. 241-279.

DI FELIPPO, Ariani; SILVA, Bento C. Dias da. Modelo linguístico-computacional da estrutura argumental de adjetivos valenciais do português do Brasil. *Estudos Linguísticos*, 34, 2005. Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/~arianidf/Estudos_linguisticos34.pdf>. Acesso em: set 2015.

FRADIN, Bernard; KERLEROUX, Françoise. Troubles with lexemes. In : BOOIJ, Geert; CESARIS, Janet de; SCALIE, Sergio; RALLI, Angela (eds.). *Proceedings of the Third Mediterranean Meeting on Morphology*. Barcelona: Institute Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2003: p. 177-196.

LEHMANN, Christian; Moravcsik, Edith. Noun. In: BOOIJ, Gert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (eds.). *Morphology: an International Handbook on Inflection and Word formation*. Vol. 1. Berlin: De Gruyter, 2000.

MATHEWS, Peter H. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, [1974] (1991).

MOTA, Maria Antónia C. da. Categorias nominais e adjetivais. In: RAPOSO, E. B. Paiva;

NASCIMENTO, M. F. Bacelar do; MOTA, M. A. Coelho da; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.). *Gramática do português*. Vol. 3. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, , 2016.

RALLI, Angela. The role of morphology in gender determination: evidence from Modern Greek. *Linguistics*, 2002, 40-3: 519-551.

RAPOSO, Eduardo B. Paiva. Estrutura da frase. In: RAPOSO, E. B. Paiva; NASCIMENTO, M. F. Bacelar do; MOTA, M. A. Coelho da; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.). *Gramática do português*. Vol. 1. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 2013: 303-398.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. Rio de Janeiro: Contexto, 2000.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SPENCER, Andrew. Gender as an inflectional category. *Journal of Linguistics*, 2002, 38: 279-312.

STUMP, Gregory. Inflection. In: Spencer, Andrew & A. M. Zwicky (eds.) *The Handbook of Morphology*. Oxford/Malden, MA: Blackwell, 1998: 13-43.

_____. Word-Formation and Inflectional Morphology. In: ŠTEKAUER, Pavol;

LIEBER, Rochelle (eds.). *Handbook of Word-Formation*. Netherlands: Springer, 2005: 49-71.

VELOSO, Rita; RAPOSO, Eduardo B. Paiva. Adjetivo e sintagma adjetival. In: RAPOSO, E. B. PAIVA, M. F. Bacelar do Nascimento; MOTA, M. A. Coelho da; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.). *Gramática do português*. Vol. 2. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 2013:1359-1493.

VILLALVA, Alina (s/d). Aspectos Morfológicos da Gramática do Português. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/files/alina_villalva/Morfologia_GLP.pdf>. Acesso em: set. 2015.

_____. *Estruturas Morfológicas*. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 2000.

_____. Composição. In: RAPOSO, E. B. Paiva; NASCIMENTO, M. F. Bacelar do; MOTA, M. A. Coelho da; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.). *Gramática do português*. Vol. 3. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 2016. No prelo.

ZWICKY, Arnold (1990) Inflectional morphology as a (sub)component of grammar. In Dressler, Wolfgang U. et al. (eds.) *Contemporary Morphology*. Berlin: De Gruyter, 1990: 217-235.